DISCURSOS (*)

Pe. Dr. MISAEL GOMES

Srs. do Instituto do Ceará

Sacerdote e professor, compareço neste templo de eleitos e de valores que perduram, porque são fôrças do Brasil que procuramos eternizar. Chamado por vós, aqui trabalharei na cultura dos estudos históricos que vou difundindo e inculcando, desde mais de vinte anos, por meio da instrução ou formação da juventude. *Quod munus Reipublicae adferre maius meliusve possumus quam si docemus atque erudimus juventutem?* Que maior ou melhor serviço prestaremos à República do que ensinar e instruir a juventude? (Cicero, *De Divinatione).*

MESTRA DA VIDA

Os escritores estimulam o conhecimento do passado; porque nivela os mancebos aos velhos na prudência, a que os velhos adquirem com largos anos, alcançam os mancebos com poucas horas de aplicação. Escrínio de documentos para o bem comum da humanidade e particular dos indivíduos, a História, sôbre ser mestra da vida, é verdadeiro culto da Pátria: *priora disquirendo patriam colimus;* ela arquiva os feitos e as lições mais nobres dos que se extinguiram.

A Pátria tem as suas vicissitudes na riqueza e nos triunfos, dias de glória e de acabrunhamento; poderá até sucumbir, como já sucedeu à Polônia; mas, se as próprias tradições salvou na história, como se recolheram na arca os seres e as sementes escolhidas por Deus, logo, ao cessar a tormenta, res-

(*) Pronunciados em sessão do Instituto, por ocasião de ser recebido sócio efetivo o Pe. Dr. Misael Gomes.

surgirá: *pulvis veterum renovabitur*. Na história a Pátria se resguarda como na Bíblia perpetua-se a fé; a história identifica-se com a eternidade para a glorificação dos seus eleitos.

Entre nós, a literatura floresce de biografias, monografias e anedotas, de alguns fatos e episódios memoráveis; o Ceará de Joaquim Catunda, Barão de Studart, Theberge, Antônio Bezerra e João Brígido talvez seja um dos Estados mais ricos no gênero. Faltam, contudo, grandes historiadores do país capazes de evocar o passado, com proveito do presente e estímulo do porvir. Sem embargo, ora apraz-me lembrar os nomes dos mais eminentes pioneiros da Historiografia Nacional.

A HISTORIOGRAFIA NACIONAL

Pero de Magalhães Gandavo escreveu o *Tratado das Terras do Brasil* e a *História da Província de S. Cruz*. Julga-se chegou às nossas plagas pelo govêrno de Mem de Sá. Português bragantino, origem flamenga, foi profundo humorista, tão conhecedor do latim, que abriu escola no Minho; veio depois para o Brasil. Conquanto fale na sua História do descobrimento cabralino, cite os nomes dos primeiros donatários, refira-se a Tomé de Sousa, quando da fundação da cidade do Salvador, a Fernão Sá na guerra do Espírito-Santo e Mem de Sá na conquista do Rio-de-Janeiro, as primeiras explorações litorâneas, as feitorias, a tomada de posse dos territórios enfeudados, deixavam-no indiferente; sua História é antes natural que civil, o que igualmente se pode dizer do Tratado. Eis o que resulta da insignificância então do Brasil e do intuito do escritor, mostrar a opulência da terra, recursos naturais e sociais, com o fim de animar a pobreza a vir povoá-la.

Gandavo descreve o país, estuda as povoações costeiras; posto que breves as suas notícias, aproveitáveis, demonstram instinto geográfico. Chama pelo nome às árvores, especializando as frutas; menciona os peixes mais notáveis; cita diversos animais, destacando as caças; acentua os encantos do firmamento, superioridades do clima, as minas por descobrir, o âmbar marinho e os índios, de quem multi-

plica informações. De móvel sobretudo utilitário, a cada momento o autor deixa ver as facetas do seu espírito indagador, curioso, convencido de que, sob as aparências da realidade, ocultam-se por vezes mistérios. Gandavo foi quem primeiro se ocupou de assuntos verdadeiramente brasileiros.

Também Gabriel Soares de Sousa, instruído e inteligente, mostra-se observador perspicaz na sua obra *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Natural de Lisboa, estabeleceu-se na Baía, colono agrícola; casou e prosperou até fazer-se proprietário de engenhos de açúcar.

O livro ressente-se da falta de estilo, com ser memorial apresentado ao govêrno, a justificar os favores que impetra; mas adquiriu ensanchas para abranger história e geografia; não tencionava, declara e insiste o autor, escrever história que deleitasse com estilo e boa linguagem, nem elogio esperava de sua escritura, pouco castigada aliás, porém extreme dos vícios literários da época. A sinceridade do longo e minucioso informante em nada prejudicou aos encômios do forasteiro aclimado e amigo da nova terra. «Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estilo de Gabriel Soares, escreveu Varnhagem, confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descrições com a realidade, quási nos abismamos ante a profunda observação que não cansava, nem se distraía variando de assunto.» (1)

Fernão Cardim, autor português quinhetista, sacerdote, conta-se entre os estudiosos precursores da nossa história, quando o Brasil, por assim dizer, carecia de história. À maneira da de Gandavo, a sua obra é mais história natural que civil, senão uma e outra simultaneamente. Em 1582, em Évora, foi dado por companheiro ao padre visitador Cristóvão de Gouveia, ao lado de Manuel Teles Barreto, governador geral das terras do Brasil; partiram a 5 de março de 1583, aportando à Baía em 9 de maio. Ali, como em Ilhéus, Pôrto-Seguro, Pernambuco, Espírito-Santo, Rio e S.-Paulo, catequizou o gentio, correu perigos e sacrificou-se na regência de colégios e outras funções importantes da província jesuítica.

(1)—Varhagem, *H. Geral.*

Contemporâneo de Vieira e de Anchieta, ao primeiro, como reitor instruíu no começo do noviciado no Colégio do Terreiro de Jesus, da Baía ; ao segundo, padre Anchieta já combalido de mortificações e chegado de Piracinunga, quando se recolhia ao colégio de S. Sebastião do Castelo no Rio, assistiu Cardim como reitor, durante a última enfermidade a que finalmente sucumbiu o apóstolo taumaturgo, 7 de junho de 1597, na aldeia de Reritiba, capitania do Espírito-Santo.

O padre Antônio Vieira deixou-nos de Fernão Cardim os seguintes traços : «Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpável ; mui afável e benigno... A todos parecia querer meter na alma, de todos se compadecia e a todos amava.»

Seus escritos *Narrativa epistolar de uma viagem à Baía* e *Do princípio e origem dos Índios do Brasil* revelam simpleza e naturalidade, sem preocupações eruditas nem artifícios de estilo, e sobretudo «a nota de constante bom humor... a vivacidade da narrativa, o imprevisto das comparações». Descreve a terra fértil, clima, produtos e belezas naturais, confrontando com o que deixava em Portugal, para enaltecer o que é brasileiro.

Destaca-se Frei Vicente do Salvador, da ordem franciscana, porque já sendo nosso, nascido perto da cidade da Baía, em Maruim, 1564, escreveu o que era nosso. Não cuidou de tudo por falecer-lhe competência, aliás graduado em *utroque jure*; mas por não haver perquirido o montão dos arquivos, não criticar e apurar os documentos. Em compensação, sem obedecer a molde luso, com linguagem despretensiosa, escreveu *Crônica da Custódia do Brasil*, e, em sua *História*, perdida até o século XIX, mostrou o Brasil do tempo (1500 a 1627).

Muito interessante a leitura da obra de Vicente do Salvador, diz Artur Mota, pela originalidade da exposição e comentário dos fatos. «Imaginemos que a História de frei Vicente, em vez de ficar enterrada e perdida tantos anos, viesse logo à luz, observa Capistrano de Abreu : as consequências podiam ter sido consideráveis : serviria de modêlo. Os arquivos estavam completos e teriam sido consultados com as limitações impostas pelo tempo. As entradas serta-

nejas teriam atraído a atenção, e o conhecimento delas não ficaria em nomes escoteiros, sem indicações biográficas, sem achegas geográficas, nem «sujeitos sem predicados». Muitas anedotas teriam sido colhidas, quebrando o monotonia pedestre ou solene com que os Rocha Pitas, os Berredos, os Jaboatões afrontam a publicidade.»

Sebastião da Rocha Pita, filho da Baía, entre os padres da Companhia de Jesus habilitou-se nos estudos de humanidades, alcançando (1682) o grau de bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra. Após a vida bucólica que preferiu na capitania do berço, além de outros gêneros literários, espírito culto e virtuoso, empenhou-se na frequência de documentos e manuscritos de arquivos da Baía, Rio, S.-Paulo e Portugal, no que gastou quási metade da sua existência, publicando finalmente a *História da América Portuguesa* até 1724, que, apesar de sensíveis defeitos, mereceu-lhe na época encômios e agraciamento de títulos.

Roberto Southey «é um historiador de raça». Consciência no aprêço do fato, justeza no estudar os homens, clareza e brilho no desenvolvimento, eis o que melhor o caracteriza. Admirável que, sem nos conhecer *de visu*, inglês como era, e só por documentos que encontrou em Espanha e Portugal, historiou-nos com obra de mérito; nas primeiras décadas do século XIX, guinda a história brasileira a uma altura e imparcialidade de clássico no gênero.

Varnhagem ou Visconde de Pôrto-Seguro generalizou; porque, sem esmiuçar, abrange os fatos de tres séculos da Colônia. Vasta bibliografia e suma predileção pelos arquivos observam-se na *História Geral*, livro êste de mestre.

Curioso e paciente, grave e sério, supria pela documentação proba, verídica, a má qualidade do estilo e aridez da sua fantasia; às vezes apaixonado «menoscaba de tôdas as heroicidades desde Anchieta até a de Tiradentes» (2). Southey e Varnhagem, considera-os Rocha Pombo figuras culminantes de tôda a nossa historiografia: ao segundo já houve quem lhe chamasse o maior obreiro da História Nacional.

(2)—Eduardo Prado.

CAPISTRANO DE ABREU

Não obstante isso, João Capistrano de Abreu, filho do nosso Estado, nascido em Columinjuba do município de Maranguape, cultura polimorfa, bibliografia ainda mais vasta do que a de Varnhagem, conheceu tôdas as ciências subsidiárias senão ainda correlatas da História; inimigo das superfluidades, jamais as escreveu; original, criou no país a ciência histórica, atingindo as raízes como verdadeiro filósofo especializado. De julgamento consciencioso, deu o seu a seu dono, *unicuique suum*; espírito de síntese, nos *Capítulos da História Colonial* disse tudo o que outros disseram com multiplicidade de livros; crítico exigente e penetrante, joeirou documentos; de espantosa erudição, esgotou os assuntos colimados; estilo cheio e linguagem correta esmaltaram as suas obras. O Ceará serviu assim de berço ao maior historiador brasileiro, não digo na extensão, pelo menos na profundeza, o que constitue novo argumento da capacidade cearense, a conquistar as primazias da inteligência. E' que «para o homem passa a alma da terra», escreveu Vítor Hugo.

Certo, nos domínios a dentro dos conhecimentos históricos, quantos pontos ainda se discutem? A própria origem e grafia do nome Brasil; quem maior Gonçalves Ledo ou o patriarca José Bonifácio? Calabar porventura terá sido destemido patriota? Tiradentes um vil tranpolineiro? Maurício de Nassau digno de nossas homenagens?...

Não deixa todavia de ter o seu mérito concatenar o disperso, sintetizar o difuso, coligir o seleto e obter que facilmente se resuma e se concentre numa obra o que em muitas se poderia acaso descobrir pelo trazerem a vário respeito.

No fundo, a História é problema de psicologia. No que me toca, tenho fé que jamais sacrificarei a verdade, embora às vezes deixe-me empolgar ante o valor, beleza e atrativos da matéria, pois se diminue quem tudo limita ao pensamento frio e abstrato.

A colaboração do Ceará nos sucessos mais imponentes da História Nacional, nunca desmereceu. Entramos na semana da áurea lei de 13 de maio, no

seu 50º. aniversário; do Ceará o gesto nobilíssimo que repercutiu nos assomos da Liberdade e pôs remate glorioso aos títulos da Civilização no país de S.-Cruz (3): foi o Ceará a primeira província que libertou os seus escravos. Tal a natureza da gente do meu torrão natalício. Como não hei-de preferí-lo a todos? não hei-de consagrar-lhe máximo devotamento?

FRATERNIDADE

Da cadeira que hoje tenho a honra de ocupar no seio do Instituto, efetivado sócio nesta plenitude vespertina, abraço cada um dos irmãos nas letras, irmãos d'armas, a começar pelo digno Secretário e relator de minha eleição, o distinto amigo Dr. Guilherme de Sousa Pinto: o Desembargador Ábner de Vasconcelos, Hugo Vítor—antigo discípulo e portanto glória das primícias do meu magistério—, Clodoaldo Pinto, Martinz de Aguiar, José Valdo, Soares Bulcão, Alba Valdez, Pompeu Sobrinho e Djacir Meneses, dentre os signatários da apresentação do meu humilde nome ao plenário do Instituto. Rendo homenagem especial ao Exmo. Sr. Barão de Studart porque, sem melindrar, destaco-o *primum inter pares,* vulto máximo que orienta o nosso Sodalício e seu presidente perpétuo. Não podia o venerando historiador cearense mais propiciar e felicitar êste momento, do que designando como fez, para receber-me, o Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado, paladino desde anos não só da boa imprensa, mas de tôdas as causas justas e nobres do Ceará. Dou testemunho, é um amigo e advogado intemerato do Clero; e da sua integridade e valor, pessoalmente confesso que lhe tenho muita inveja.

—Dr. Andrade Furtado, feliz o ensejo; quero apenas significar-lhe a extensão e profundeza do meu agradecimento.

SAUDAÇÃO AO BRASIL

Senhores. Torna-se cada vez menor o globo para a humanidade inquieta e curiosa; entretanto, grande

(3)—Pe. Misael Gomes, *História e Literatura,*

o Brasil de hoje, maior no-lo promete o seu futuro. Por isso, antes que termine esta hora da vossa generosidade para comigo, disposto a defender e aumentar o patrimônio moral e intelectual da nossa gleba, trabalhando na aliança fecunda da história, da religião e do patriotismo, deixai-me, Srs., que dêste retângulo do Nordeste, saúde o Brasil, a desencantada ilha de Cabral e seus numerosos companheiros; terra boa e dadivosa na alviçareira carta de D. Manuel *o Venturoso* aos soberanos católicos da Europa; *Atlântida* escondida durante milênios que já se descobrem da sua pre-história; Mãe-pátria a abranger o Ceará doado a Antônio Cardoso de Barros, explorado por Pero Coelho, catequizado com o sangue do jesuíta Francisco Pinto e os suores do seu irmão Luiz Figueira e afinal colonizado por Soares Moreno, o fundador de N. S. da Assunção, uma fortaleza, origem da atual metrópole cearense: Brasil das Entradas e das Bandeiras; El-Dourado fabuloso da colonização de tres séculos; ergástulo outrora de escravos, hoje República de 50 milhões de habitantes, onde todos cantamos o mesmo hino da liberdade, da paz e do progresso; enquanto o Ceará se imortaliza, terra gloriosa de Iracema, Terra da Luz, berço do príncipe da literatura José de Alencar e de outros insignes nas armas, nas letras, nas ciências, dentre os quais Capistrano de Abreu, nosso lídimo representante na Historiografia Nacional.

Dr. ANDRADE FURTADO

Sr. Barão de Studart.

Meus senhores.

Abrem-se, de par em par, os humbraes do Instituto, nesta recepção cordialissima, para acolher em seu gremio um novo eleito da intelectualidade, em nossa terra.

Ao padre dr. Misael Gomes não faltou um voto, para que se realizasse a consagração de unanimidade tão honrosa, no pleito de escolha, em que se deu preenchimento á vaga de um lutador emerito, pelo engrandecimento das letras cearenses.

Ao venerando e illustrado dr. Antonio Theodorico, promovido ao quadro dos titulares honorarios desta casa, substitue, nos trabalhos effectivos da communidade, o espirito affeito ás aturadas pugnas do pensamento, de um sacerdote especializado em estudos de palpitante interesse nacional.

Parodiando o duque d'Aumale—no desempenho da delicada incumbencia que me foi commettida, de saudar, em nome dos meus prezados companheiros, o recém-admittido consocio—, direi que o nosso gesto traduziu o nobre designio de homenagear em vós, ministro de Deus, os meritos assignalados da causa sagrada que representaes. Já passou, sem duvida, o tempo em que o furor racionalista da meia sciencia hostilizava, nos centros de pesquisas especializadas, os expoentes do saber, enfileirados no luzido exercito de Christo...

Pombal desterrava a escolastica dos dominios onde imperava a sua prepotencia, do mesmo modo que Luthero havia queimado numa fogueira, acêsa na praça publica, todas as obras de Santo Thomás...

Nessa expulsão ou nesse incendio, como admiravelmente commentou Chesterton, «desappareceram tantas definições densas que excluiram tantos erros subtis; tantos juizos moderados e discriminações ponderadas nos conflictos de legalidades ou na escolha dos males a supportar; tantas especulações magnanimas sobre a arte de governar e de fazer justiça; tantas distincções sapientes entre o uso e o abuso do direito de propriedade; tantas regras e limitações impostas ás crueis leis da guerra; tanta mansidão applicada ás nossas fraquezas moraes e tanta solicitude com a nossa fraqueza phisica». Aquelle monumento de esplendor do Anjo das Escolas—a «Summa Theologica»—, que alguem chamou obra prima do engenho humano, sinthese central, que teve por missão ligar o mundo antigo ao mundo moderno, reduziu-se a cinzas, por ser julgado incompativel com a mentalidade do seculo...

Os resultados dessa barbaria inclassificavel são evidentes na decadencia dos cursos officiais de philosophia e na desarticulação dos conhecimentos relativos aos maiores problemas da vida!

Da ignorancia e da superficialidade, dizia, ha

pouco, fino observador europeu, derivam, hoje, a atonia da consciencia collectiva, a mesquinhez da critica, simplesmente denigridora ou despeitada e, não, posta ao serviço de qualquer idealismo superior.

Dahi, podermos considerar, agora, como em sua época sustentava o insuspeito Guizot, que a Igreja de Roma incentiva todas as questões que interessam a Humanidade...

«Ella se preoccupa, no conceito daquelle histodor protestante, com todos os problemas e desgraças que attingem o homem e a sociedade. Sua influencia sobre a moderna Civilização foi, por isso, muito maior do que suppõem os seus rancorosos inimigos e os seus mais devotados defensores... E' um facto incontestavel, conclue o insigne escritor e estadista francês, que todo o progresso e cultura do Occidente baseiam-se sobre a formação christã dos povos. O espirito theologico da Igreja é como o sangue que corre em todas as veias do mundo...»

E' a tão energico fluido vivificante—que o Christianismo communicou ao Universo, através da acção dinamica dos seus immortaes agentes de irradiação—que devemos, neste cenaculo singular, a exaltação e o enthusiasmo, de que todos estamos possuidos no momento.

Acceitae pelos vossos extraordinarios émulos no ministerio apostolico, de que tão intimamente participaes, a nossa commovida e expressiva credencial de admiração e affecto.

* * *

Tambem no Instituto de França, ainda ha pouco, houve uma cerimonia similar... No augusto areópago, onde se reunem, em plena Cidade-Luz, os mais preclaros luminares de um país, que é, no dizer de alguem—«o fôrno em que se cozinha o pão do pensamento humano»—, naquelle «escol da intelligencia de toda a Terra», foi realizada a glorificação de um sabio authentico, botanico notavel, que enverga uma batina! O padre Colin, actual membro de tão brilhante sodalicio, é professor de phisiologia vegetal e tem a sotaina ligada a importantes descobertas no terreno da sua especialidade.

Com a sua entreda na Academia de Sciencias, uma das secções daquella tradicional agremiação, fica o clero catholico representado em quatro das divisões do Instituto de França...

Só no seio da Academia de Sciencias Morais e Politicas, encontram-se os astros de primeira grandeza:—Cardeal Baudrillart; monsenhor Grent; bispo de Mans; monsenhor Ruch, bispo de Strasburgo, e o dominicano, pe. Sertillanges. A Academia de Bellas Letras honrou-se com a recepção dos celebres orientalistas Padre Scheil e Padre Chabot.

Uma classe que é representada por sete membros, naquella assembléa exponencial, attesta, eloquentemente, o seu alto indice de illustração e de talento.

Lá, como aqui, tem sido esta classe a pedra angular de uma Nova Idade com novas aspirações, novos caminhos, novos horizontes... Teve a missão privilegiada de ensinar a todas as gentes. A catechese, que argamassou com o proprio sangue, assenta na primazia do espirito. O seu serviço é o serviço de Deus! Espalhar a graça da Redempção. Diffundir, sobre todas as raças, a lição de paz e de fraternidade do Evangelho. Vale uma cruz esse apostolado, no dizer de S. Paulo, tão cheio daquella simplicidade omnipotente, a que alludia, elegantemente, Bossuet.

Fadigas, perseguições, torturas, martirios — os horrores das eras primitivas, repetidos, presentemente, na Russia, na Espanha, no Mexico, na China... Tarefa ingente, a da christianização de todas as fontes de cultura, da aristocracia do poder e das massas do proletariado. Defender o Direito e humanizar a Justiça! Erguer cathedraes e abrir escolas! Fundar hospicios, asilos e hospitaes... Tudo fazer sem a preoccupação da conquista dessa «mentira de celebridade», a que com tanta bizarria se refere o poeta. Sentir o estimulo para a acção iniciada, no suave prazer do beneficio. «O bem é uma subida que não cansa»—disse alguem... Vencer batalhas invenciveis, por methodos que não falham... Pelejas que só se ganham, assim—como reconheu até Guerra Junqueiro—, primeiro rezando... Sois um desses valores que se disseminam no meio das multidões e a que o Mes-

tre Divino chamou, com perfeita propriedade de termo,—sal da terra...

Os vossos trabalhos—«Primeiras Lições»: — A Nova Lei, Novas Bandeiras, O Mestre, A Patria—, «O Problema Social», «O Pontificado Romano»—expressam e firmam as responsabilidades de quem traça normas, no que fala ou escreve, para orientação da collectividade. Aquella sentença inicial do vosso fulgurante discurso, em nome da Academia Cearense de Letras, na festa jubilar deste Instituto, define a vossa direcção em Historia e em Literatura... «O que prejudica ou salva as instituições humanas,—o seu espirito!»

E exalçastes, com tanto sentimento, o *respeito do passado*, que perfuma a atmosphera deste velho solar. Foi com aquella magistral e applaudidissima allocução que a vossa candidatura se impôs á consciencia da totalidade dos que aqui militam para reviver, não deixando jamais cair no esquecimento, as tradições e as victorias do Ceará.

Houve evidentemente qualquer coisa de prophetico na peroração do vosso magnifico discurso. «Nesta commemoração radiante de meio seculo de existencia—dissestes, naquelle memoravel dia—, representaes os deuses do Pantheão da nossa Historia. Sacerdote catholico, rogarei, multipliquem-se as glorias do Brasil, com o amor da virtude illibando as almas, subindo-as a Deus, que ha-de permittir conserve o nosso Instituto o facho sagrado, que recebeu, e transmitta ardente, cada vez mais ardente, ás mãos dos seus vindouros.»

Venho cumprir, neste instante, a delegação muito grata e auspiciosa de passar ás vossas mãos, commovidamente, o archote luminoso, que ha-de continuar a esclarecer, através de gerações successivas, a mentalidade dos coevos e posteros...

O «nosso Instituto», de que falaveis, então, carinhosamente, sobremodo se desvanece de ver-vos, de agora em deante, a empunhar esse luzeiro inflammado, que espanca as trevas, despedindo chispas, irradiando calor!

Ha tanto que examinar e esclarecer, inquirir e compôr, dentro das nossas fronteiras, na vastissima lavra da brasilidade, de legitimo e resoante quilate nacional!

A convivencia, neste circulo de elevados estudos, a que preside a voz oracular do sr. Barão de Studart, um dos mais provectos mineradores das preciosidades do nosso opulentissimo rincão, será para vós um clima familiar e propicio... Atravessamos uma phase de transformações profundas na vida collectiva. Diz-se mesmo, a cada passo, que attingimos um periodo de transição, em que se têm de reajustar as formulas de coexistencia social.

Mais complexas são, dest'arte, as observações no panorama immenso dos acontecimentos contemporaneos.

As vicissitudes dessas circumstancias excepcionaes desafiam a agudeza e a previsão de sociologos e historiographos.

As crises exigem um diagnostico seguro das suas causas. Ellas não apparecem sem determinantes, que se precisam e fixam...

Quão proficua será a collaboração de uma sociedade de homens de experiencia e boa vontade, como esta, para a investigação de taes phenomenos e seus effeitos!

A Historia, que os profissionaes dos laboratorios e os cultores das verificações instrumentaes tratam com certo desdem, não chega a ser uma sciencia, na superioridade em que se collocam e de onde a'vislumbram.

Isso não obsta a que nella encontremos o manancial inesgotavel, onde se vão abeberar todas as raizes da Arvore da Sabedoria universal, o *omnia scibilia* dos romanos.

Esta casa é um reservatorio, no genero... A bibliotheca, referta de documentos inestimaveis sobre as nossas origens, em parte ineditos, ainda avolumados nos archivos do seu laborioso e exausto collecionador, em parte divulgados na «Revista», que é um dos melhores florões do Ceará intellectual, constitue rica selva a desbravar, em commentarios e considerações opportunos.

A nossa elaboração politico-social reclama, por certo, tanta actividade no esmerilhar pormenores interessantes! E existem, ainda, particularidades subsidiarias desse estudo principal, attinentes ás tenden-

cias de especialização, nas cathedras, que professaes, com lustre, dedicação e proveito para a mocidade da nossa terra.

Ahi estão as indagações de ethnologia, de geographia, de anthropologia, de economia, de estatistica, de linguistica, *folk-lore*, a arte popular e outros aspectos suggestivos da nossa maravilhosa contextura cultural, a pedir a cooperação de esforços intelligentes para que melhormente apreciemos as bellezas deste querido trecho da nossa Patria. A terra de Capistrano de Abreu e Farias Brito, José de Alencar e Alberto Nepomuceno, Antonio Bezerra e Thomás Pompeu, Paulino Nogueira e Antonio Augusto, Julio Cesar e Assis Bezerra, Juvenal Galeno e Perdigão de Oliveira, mons. Bruno de Figueiredo e padre Valdivino Nogueira, Jorge de Sousa e José Sombra é fertil, como se vê, em vocações eruditas para o estudo e conhecimento de si mesma...

Nesta ábside—que devemos considerar nosso salão de trabalhos um logar santo—penetra, neste bello dia, um officiante á altura do cerimonial do nosso grandioso rito.

Para honra do Ceará—Terra de Sol, ninho da Ave da Redempção—, glorifiquemos as nossas tradições, de maneira que sempre possamos, como nesta religiosa tarde de maio, saudar com expressões assim justas e assim verazes os que ingressam neste reducto de defesa do nosso patrimonio moral e mental!